

A MOTIVAÇÃO ESTÉTICA DE PRENOMES THE AESTHETICS MOTIVATION OF FIRST NAMES

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p280-294

Patrícia Helena Frai¹

Resumo: O objetivo deste artigo é categorizar a motivação estética a partir de narrações de designadores que atribuíram um nome ao filho, como também de filhos que foram nomeados com tal motivação. Para o objetivo proposto, foi analisado um banco de dados constituído por 125 entrevistas semiestruturadas com designadores e nomeados com nomes justapostos nascidos entre a década de 1930/1940 e 2010 no município de Marechal Cândido Rondon - PR. Parte-se da ideia de que os antropônimos são escolhidos a partir de crenças, valores e gostos daqueles que nomeiam (VAN LANGEDONCK, 2007).

Palavras-chave: antropônimos; modismos; estética.

Abstract: The objective of this paper is to categorize aesthetic motivation according to the narratives of name givers who name a child, as well as sons and daughters named with such motivation. For that purpose, a database of 125 structured interviews with name givers and bearers with juxtaposed names born within 1930s/1940s and 2010s in the city of Marechal Candido Rondon – Parana state. It starts from the idea that anthroponyms are chosen from beliefs, values and preferences of the name givers (VAN LANGEDONCK, 2007).

Keywords: anthroponyms; fads; aesthetic.

Introdução

É sob o viés da Sócio-Onomástica, subcategoria de estudos da Onomástica, que os estudos dos antropônimos, também chamados de nomes próprios de pessoas, são realizados a partir do aspecto social para compreender o porquê da sua atribuição em uma determinada comunidade, com uma determinada cultura e identidade (VAN LANGEDONCK, 2007).

Guérios (1981) já afirmava duas diferentes formas de estudar os nomes próprios: a primeira sob um viés etimológico; e a segunda, sob um viés social ou psicossocial. A primeira se refere ao estudo da origem de um prenome, por exemplo, o nome *Joffre*, cuja procedência é

¹Mestre em Letras na área de concentração em Linguagem e Sociedade (2016) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, graduação e Licenciatura plena em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa (2013) na mesma instituição, e-mail: patriciafrai@hotmail.com e ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0961-0051>.

germânica; tem variação *Geofroy, Godofredo* e em alemão *Gottfried* – e tem como elemento *fried* (protegido) e *Gott* (“por Deus”) Guérios (1981, p.16). A segunda compete o estudo da utilização dos prenomes, por exemplo, se o antropônimo *Joffre* é mais ou menos frequente em um determinado lugar. Esse nome foi amplamente utilizado na Primeira Guerra Mundial nos povos aliados devido ao general francês *José Jacques Joffre* (Guérios,1981).

Ao estudar os antropônimos sob um viés social e cultural, espera-se que estes revelem marcas identitárias, crenças, valores, gostos de uma comunidade. Analisar entrevistas de designadores (pais que atribuem um nome) e nomeados (filhos que são nomeados com um nome) podem revelar a real motivação que leva os pais a atribuírem um determinado prenome ao filho. O estudo dos nomes próprios de pessoas, sob esse viés, requer estudos de cunho interdisciplinar, pois são necessários conhecimentos de outras áreas de estudo, como a história, antropologia, geografia para que os antropônimos possam ser analisados. Isto porque outras áreas do conhecimento são um meio para chegar no porquê da escolha de nomes e, uma dos caminhos para compreender os aspectos sociais da prática na nomeação é analisar as motivações dos antropônimos.

Do ponto de vista adotado neste artigo, os motivos que levam os pais a atribuírem um nome pode ser distinto do real significado etimológico que ele tem. Toma-se como exemplo o antropônimo *Sara*, de acordo com o Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes, significa: “hebraico Sara, Sarah, hebraico antigo Sarai: princesa” (GUÉRIOS, 1981, p. 221). Tal antropônimo pode ser atribuído a uma menina devido ao fato de, etimologicamente, remeter a uma princesa. No entanto, é preciso considerar que nem todas as *Saras* podem ter esse nome devido ao seu significado, este pode ser atribuído pelo fato dos pais o acharem esteticamente bonito, ou porque é um prenome curto e fácil de pronunciar, ou até mesmo porque pode ser o nome de alguém do núcleo familiar da pessoa nomeada, ou seja, nome de uma avó e passado para a neta.

É nesse sentido que se nota que os nomes próprios de pessoas podem não ser atribuídos estritamente por uma preocupação etimológica e sim por outras motivações, muitas vezes por modismos. Dick (1992, p. 181) denomina o fenômeno como a *opacidade* dos nomes, a prática de nomeação *esvazia* o significado dos prenomes e acabam sendo atribuídos pelos mais diversos motivos. Dentre os primeiros motivações já citadas, encontram-se em Guérios (1981) explicações de algumas, como: religiosa, homenagem à família e amigos, influência política, literária, midiática, estética, circunstância de nascimento, nomes relativos a profissões, nomes curiosos, entre outros.

Nessa direção, o artigo tem como objetivo categorizar de modo mais preciso a motivação denominada como estética, isto é, compreender de que forma essa motivação se evidencia na prática de nomeação. Para isso, foi utilizado um banco de dados formado por 125 entrevistas semiestruturadas geradas por Frai (2016), em sua dissertação de mestrado, no município de Marechal Cândido Rondon - PR. A construção desse *corpus* é constituída por entrevistas com pais que informaram o porquê da escolha de nomes justapostos² aos filhos e de nomeados que relataram a escolha de seu próprio nome justaposto. Esse conjunto de informantes contempla nascidos entre a década de 1940 até a década de 2010, do gênero feminino e masculino. Ressalta-se que nomes justapostos são referidos ao longo deste artigo como n1 (primeiro prenome) e n2 (segundo prenome).

Para tecer a análise pretendida, foram selecionadas as entrevistas em que houve menção à motivação estética na atribuição de um nome: na atribuição apenas de n1 ou de n2, ou se ambos os prenomes. Ressalta-se que não é objetivo deste artigo comparar resultados entre n1 e n2 e entre antropônimos femininos e masculinos e, sim, categorizar a motivação estética a partir da prática de atribuição de nomes.

O artigo, inicialmente, apresenta uma definição dos modelos de atribuição nominal da tradição e moda, como também a definição de estética adotada para a análise. Em seguida, é explicitada a importância de uma adequada metodologia ao objetivo proposto: compreender as motivações que nomeiam as pessoas. Na sequência, são analisadas qualitativamente as entrevistas categorizadas na motivação estética.

1 Modelo de atribuição: a estética de um prenome

Nomes de pessoas podem ser atribuídos por diferentes motivações. Algumas famílias utilizam nomes bíblicos para atribuir um nome ao filho, porque acreditam que o antropônimo pode trazer proteção ao recém nascido, outros pais atribuem um nome que seja uma homenagem aos avós maternos ou paternos, como uma homenagem aos ancestrais, e, também, há aqueles que atribuem um nome ao filho simplesmente por ser *bonito*, agradável de se ouvir, ou que combine com as iniciais dos pais ou do filho primogênito (Guérios, 1981).

As motivações da escolha dos nomes de pessoas podem ser categorizadas, basicamente, em dois modelos maiores de atribuição: a categoria dos nomes tradicionais e a da moda. Para

² No sistema antroponímico da Língua Portuguesa, a atribuição de nomes ocorre, geralmente, por: prenome + sobrenome (s), ou prenome 1 + prenome 2 + sobrenome. Considerando o último exemplo, nome justaposto é a formação do nome de uma pessoa constituído por duas peças lexicais com significado próprio (prenome 1 e prenome 2), por exemplo: Maria Bruna, Pedro Henrique.

López Franco (2014), a primeira refere-se aos nomes de santos que são atribuídos àqueles que tenham nascido no dia de um determinado santo do calendário litúrgico, ou então em homenagem aos familiares, atribuindo nome do avô paterno ao recém nascido, por exemplo. A segunda, refere-se à atribuição cíclica de um antropônimo: o uso amplo de um nome em determinado momento e caindo em desuso em outro. A autora também aponta que uma determinada unidade linguística – os antropônimos – também pertencem à moda pelo fato dos pais acreditarem ser a escolha do nome um resultado de gosto pessoal, mas que, muitas vezes, são associados aos nomes midiáticos, ou de um grupo de prestígio (LÓPEZ FRANCO, 2014, p.16).

Adotando ponto de vista semelhante, Seide (2018) caracteriza essas acepções partindo do significado de tradicional e moda do dicionário *Houaiss*. A tradição corresponde ao conjunto de valores morais; hábito, costume de uma comunidade., enquanto a prática de nomeação quando constante é algo tradicional (SEIDE, 2018, p. 164), moda, segundo a autora, é o conjunto de gostos e opiniões coletivas; também pode ser considerada como rotina. Assim, considera-se modismo nomes atribuídos em um determinado momento, e não em outro, ou seja, o oposto do tradicional. Portanto, a tradição se caracteriza por ser um fenômeno constante em uma prática nomeadora: nomes que são constantemente atribuídos; modismos são aqueles muito atribuídos em um determinado período e não utilizados em outro, ou seja, a frequência de uso pode determinar se um nome é tradicional ou modismo.

Nesta pesquisa, o conceito de moda é utilizado para categorizar a motivação estética. Não se utiliza com o sentido de ser algo rotineiro em uma prática de nomeação, assim proposto por López Franco (2014) e Seide (2018a), visto que não é objetivo atestar a frequência de prenomes. Para categorizar a motivação estética e compreender como ela se evidencia em um contexto, considera-se a acepção de que a moda constitui um conjunto de gostos pessoais, os pais atribuem um nome ao filho não porque há uma homenagem a algum familiar, por exemplo, mas que esse nome atribuído é escolhido a partir do gosto subjetivo e estético dos nomeadores sobre a grafia, a pronúncia do prenome, bem como a combinação que pode haver entre prenome e sobrenome.

Pesquisa como a de Close (2012), do Departamento de Sociologia e Antropologia, já fez uma abordagem detalhada sobre a estética de prenomes. Foi analisado como os pais nomeiam seus filhos em uma cidade do centro-oeste dos Estados Unidos. A autora comparou nomes coletados em 3 creches da cidade, um livro de nomes de crianças de 1936 e um banco nacional de nomes (*Social Security Administration's Popular Baby Names*). É apontado que

diferentes formas de nomear mostram a preocupação dos pais em individualizar os filhos, o gosto pessoal em atribuir um nome porque é meramente bonito é alvo de análise da autora, que evidencia os apelos estéticos encontrados: o gostar de um nome, a preferência de determinadas pronúncias, preferência linguística e emparelhamento do nome (CLOSE, 2012. p. 106).

Gostar do nome apenas por achá-lo atrativo foi atribuído mais às meninas do que aos meninos, logo, os antropônimos femininos estariam mais dispostos aos modismos. Os nomes atribuídos devido ao *som* foram categorizados a partir da terminação dos nomes, para os meninos, 47,1% escolheu nomes terminados com –n, enquanto para as meninas foram 31,3%, são exemplos *Tristen, Franklin, Devin, Lillian, Karen e Evelyn*. Outras terminações em comum foram –*elle* e –*ee*.

A *preferência linguística* diz respeito ao uso de determinadas vogais, consoantes, encontros de sílabas que eram padrão entre a escolha dos pais. Nesse sentido, é apontado: a) famílias que iniciaram o nome do filho com letra R b) famílias usaram alguma vogal c) uso da consoante J no início do nome porque algum familiar tem um prenome com mesma inicial d) Atribuição de dois nomes ao filho porque os pais têm dois nomes e) nomes iniciados com G são mencionados como interessantes f) nomes fáceis de soletrar g) consoante T e Y usadas nas iniciais dos filhos porque são as iniciais do pais h) escolha do nome na língua de origem do pai ou da mãe, no caso nomes em espanhol e inglês (CLOSE, 2012, p. 109).

O *emparelhamento de nomes* corresponde à combinação do primeiro nome com o segundo prenome, ou qualquer prenome com o sobrenome. Nessa categoria, Close (2012, p. 110) especifica as afirmações dos pais nessa acepção: a) pais afirmaram que todos os nomes devem soar bem juntos b) pais queriam que o primeiro nome combinasse com o sobrenome c) pais queriam a combinação com o primeiro e segundo prenome. Segundo a autora, essa combinação ocorria a partir do número de sílabas, letras ou mesmo o ritmo.

A pesquisa evidencia que a escolha de um nome próprio ao filho parte da escolha individual dos pais na atribuição de nomes. Ao atribuir um nome pela motivação estética, os designadores são influenciados por gostos estéticos aparentemente únicos, mas dentro de um contexto maior, são evidenciados em outras nomeações (CLOSE, 2012, p.162). Nessa direção, o que se observa é que estudos similares não são presentes no Brasil. Com base nas entrevistas dos informantes, o gosto particular dos pais em atribuir um nome esteticamente interessante ao filho também se observa nos dados deste artigo. Portanto, para compreender a atribuição antroponímica, entrevistas são necessárias para que uma análise qualitativa seja realizada.

2 Método de pesquisa

Os gostos particulares dos pais na escolha de um nome só podem ser estudados e analisados se a metodologia propicia o surgimento ou recolha dessa informação. Diferentes metodologias de coleta e geração de dados são aplicadas na pesquisa Onomástica a fim de que se possa estudar o fenômeno dos antropônimos.

Quando se fala das motivações que levam os pais a atribuir um nome, observa-se que estes não são atribuídos aleatoriamente, eles revelam marcas identitárias e culturais e os verdadeiros porquês da prática de nomeação. Dick (1992) aponta que:

Os aspectos semânticos que os nomes de pessoas podem ressaltar estão ligados aos motivos que, em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropônimos, os quais, dessa forma, se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais de seu povo (DICK, 1992, p. 181-2).

Para que haja um estudo categórico das motivações dos nomes próprios de pessoas, bem como a análise dos aspectos sociais que levam a atribuição nominal, faz-se necessário uma abordagem específica para a geração e coleta de dados.

A metodologia mais comum é a análise documental, que parte da coleta de dados a partir de certidões de nascimento no Cartório Civil, assim como em certidões de nascimento em paróquias de igrejas. Nessa metodologia, o pesquisador coleta informações dos registros e, qualitativamente, analisa os dados. A pesquisa documental e bibliográfica de Sartori (2016), por exemplo, analisou 57.168 registros de batismo na Paróquia Santa Teresa, em Caxias do Sul –RS. O *corpus* é compreendido por registros de crianças batizadas entre 1875 e 2005. Na pesquisa, a autora aponta que antropônimos religiosos eram preferência na escolha de nomes, principalmente nos primeiros anos de análise. Após 1910, com a implantação de linhas ferroviárias, bem como, a partir de 1950, as mudanças econômicas e sociais, os antropônimos religiosos caíram em desuso e outros nomes começaram ser utilizados no repertório antroponímico. No entanto, a pesquisa limita-se à análise documental e não há possibilidade de compreender se os antropônimos religiosos foram atribuídos por motivação religiosa.

Diferentemente de Sartori (2016), Seide (2016b) comparou dados de relatos e questionários de alunos da graduação de uma Universidade com uma amostra de certidões de nascimento. A autora aponta que os nomes mencionados nos relatos e questionários também são mencionados nas certidões nos respectivos anos de nascimento. Entretanto, muitos antropônimos que são pretensamente religiosos não foram atribuídos com tal motivação. Seide (2016b) destaca a prática nomeadora citada pelo aluno *Valdiney José*. Seu pai, também

chamado de *José*, foi nomeado para homenagear São José, isto é, um nome religioso, atribuído por um motivo religioso. O aluno comenta que a escolha de seu nome se deu para homenagear o pai. Portanto, um nome pretensamente religioso pode não necessariamente ser atribuído por uma questão religiosa. Essa análise só pode ser realizada quando se sabe o real motivo da escolha dos antropônimos.

O uso de questionários, método usado por Seide (2016b), pode ser utilizado a fim de que se possa ter informações mais precisas. De acordo com Marconi e Lakatos (1996), no questionário, há uma série de perguntas ordenadas que devem ser respondidas por escrito e, muitas vezes, sem a presença do pesquisador. No entanto, fica limitada às perguntas realizadas, bem como as respostas dadas.

Outro método mais preciso para geração de dados é a entrevista face a face, pela qual o entrevistador pode mediar a entrevista além das perguntas do questionário, incitando o entrevistado a comentar, opinar, induzindo-o a fornecer mais informações.

Para esta pesquisa, foi utilizado um banco de dados constituído por 125 entrevistas semiestruturadas, gerados a partir de entrevistas com pais que atribuíram um nome justaposto ao filho, como também de filhos que foram nomeados com dois prenomes. Frai (2016) defende que a metodologia para análise de dados na pesquisa da Sócio-Onomástica necessita ser adaptada ao objetivo proposto: “na pesquisa Sócio-Onomástica sente-se a necessidade de flexibilizar a metodologia e há consciência de que, para esse tipo de pesquisa, é necessário a interação ativa do pesquisador” (FRAI, 2016, p. 98). É importante salientar que, quando o objetivo é estudar as motivações de nomes, é imprescindível que o pesquisador vá a campo e realize entrevistas a fim de que possa ter os dados de que necessita.

Poupart (2008) afirma que quando se adota a utilização de entrevistas semiestruturadas, ou não-dirigida, o entrevistador pode conduzir uma conversa informal com o entrevistado e realizar outras indagações além daquelas pretendidas inicialmente. Isso facilita a adentrada do pesquisador ao campo de estudo e minimiza sua influência nas respostas do entrevistado, além disso, é uma forma de enriquecer o objeto de análise. Além disso, deixar o entrevistado livre para fazer seus próprios apontamentos permite que outras informações importantes possam ser passadas para o entrevistado (POUPART, 2008, p. 225).

Considerando os esclarecimentos de Poupart (2008) sobre as vantagens da utilização de entrevistas semiestruturadas, os dados desta pesquisa foram gerados a partir de um diálogo informal com os informantes. Esses apontamentos mostram que as narrações, assim também denominada as entrevistas dos designadores e nomeados, denotam o cerne das informações aqui

analisadas. Os dados utilizados para a categorização da motivação estética são gerados a partir de um diálogo informal, isto é, a partir daquilo que o informante sabe sobre a escolha do antropônimo. Cumpre ressaltar, portanto, a caracterização daquilo que corresponde à motivação estética é realizada a partir da memória que o designado tem daquilo que os pais informaram ser a escolha do nome, assim como do designador.

3 Análise dos Dados

A categorização estética já havia sido brevemente explicitada no *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes* de Guérios (1981) na categoria *motivos diversos* (GUÉRIOS, 1981, p. 29). Segundo o autor, fazem parte dessa categoria: antropônimos esquisitos oriundos do acaso, superstição, fantasia, moda, gosto, entre outros. Nomes escolhidos por estética sônica ou gráfica como *y*, *w*, *h*, *k* também fazem parte do repertório de nomes excêntricos.

No banco de dados, foram selecionadas as narrações de designadores dos nomes, e também, dos nomeados que tinham um padrão na escolha do nome. As semelhanças apontadas nas entrevistas e categorizadas como estética dizem respeito às escolhas justificadas pelos entrevistados com base na grafia, na sonoridade ou na combinação de nomes entre si. Ressalta-se que as definições mencionadas pelos entrevistados revelam o gosto particular do designador. Portanto, aqui, são consideradas exclusivamente as narrações dos entrevistados.

Na seleção das entrevistas, foram considerados o primeiro e o segundo prenomes (respectivamente n1 e n2), os gêneros masculino e feminino e a década em os nomes foram atribuídos. Cumpre informar que a motivação do primeiro prenome pode não ser a mesma do segundo prenome, dessa maneira, no artigo, foi apontado ao lado do nome justaposto qual prenome que possui a motivação estética (n1 ou n2, ou ambos) e em que década o nome foi atribuído. No *corpus*, foram encontradas acepções diferentes para a motivação estética, são elas:

a) Nome *bonito* ou *gostar* do antropônimo escolhido:

Melânia Teresa (n1) (1940): Meus pais colocaram meu nome porque eles acharam bonito.

Leila Noeli (n1) (1960): A minha mãe adorava o nome de Leila.

Aluísyo Nelson (n2) (1940): Eles achavam um nome muito bonito.

Helena Maria (n1) (n2) (1950): Eu gostei desses nomes.

Maria Eduarda (n1) (2000): Eu amo o nome Maria.

Considerar um nome bonito apresenta a primeira definição que indicia que o nome foi atribuído por motivação estética. Nas entrevistas, o adjetivo *bonito*, os verbos *adorar*, *gostar* e *amar* e o uso o advérbio intensificador *muito*, antecedido do adjetivo, denotam que o

antropônimo foi escolhido devido ao gosto particular do nomeador, os relatos sugerem a preferência sem mencionar, especificamente, o que torna o prenome *bonito*.

b) Pronúncia *fácil*:

Alice Mitiko (n1) (1960): o Alice foi escolhido porque é um nome fácil para os japoneses pronunciarem.

Marli Maria (n1) (1960): Eu tinha uma cunhada que não podia falar direito, mas o nome de Marli ela conseguia falar, então eu coloquei Marli porque era um nome fácil que ela poderia falar.

A pronúncia caracteriza a escolha do nome quando os entrevistados se utilizam do adjetivo *fácil*, associado a algo simples, para explicar a escolha do antropônimo. Esse aspecto denota uma facilidade de pronúncia que pode ser observada em um nome com poucas sílabas: *Alice* e *Marli*. Nos exemplos anteriormente mencionados, no caso de *Alice Mitiko* e *Marli Maria*, as entrevistadas revelam uma preocupação dos familiares não conseguirem pronunciar devidamente o antropônimo escolhido, no caso da primeira, os familiares de origem étnica japonesa e, a segunda, da cunhada.

No que se refere à categoria grafia, foram selecionadas as entrevistas que mencionaram a ortografia, forma de escrita, escolha de letras (vogais e consoantes), número de sílabas, bem como a combinação de letras, sílabas e uso de letras estrangeiras na nomeação como fator determinante para a nomeação. As submotivações encontradas foram: simplicidade na escrita, ortografia distinta da língua portuguesa, combinação de letras iniciais do nome atribuído com a dos pais, combinação da inicial do nome com a inicial do nome dos filhos já nascidos e a escolha de um nome estrangeiro devido à etnicidade de um dos pais.

c) Grafia *fácil/simples* de escrever:

César Alexandre (n1) (1980): O César foi um nome curtinho e fácil de pronunciar.

Tiago Luiz (n1) (1990): Tiago sem h, o mais simples possível.

Laura Iasmin (n2) (2000): Com I para não ter problema de quando fala a pessoa escrever errado [...] eu procurei nomes de pronúncia fala e da forma como se fala se escreve.

Gustavo Henrique (n1) (2000): Procuramos um nome simples, brasileiro, não queríamos nomes complicados para ele.

João Vitor (n1) (2000): A gente queria um nome fácil de falar, fácil de escrever e que fosse comum no lugar que a gente mora, um nome que fosse curto também, aí chegamos no nome João, um nome comum.

Os antropônimos escolhidos devido a uma grafia fácil estão associados ao item b: ter uma grafia fácil de escrever implica também em ser fácil de pronunciar. Nota-se que esse

adjetivo *fácil* é mencionado em quase todas as entrevistas. Outras acepções similares são mencionadas: “o mais simples possível”, ao se referir que *Tiago* sem o uso da letra h; “nome simples”, “não complicado para ele”. Aqui, observa-se a intenção dos pais em que o filho tenha facilidade em ler, pronunciar o nome, o que pressupõe um nome prático e fácil de aprender a escrever e que não precisa ser soletrado. Tal ponto também é observado na narração do nome *Laura Iasmin*: “com I para não ter problema de quando fala a pessoa escrever errado”, mostrando que a escolha da letra inicial I foi devido à pronúncia, como se fala é como se escreve, é uma preocupação em que outras pessoas podem errar a escrita do nome da filha, algo não desejável.

Para os n1 *César* e *João*, nota-se que as entrevistas se utilizam das explicações: “foi um nome curtinho” e “um nome que fosse curto também”, tendo apenas duas sílabas cada. As entrevistas aqui sugerem que a grafia na escolha do nome não é um fator de individualidade, transformar o nome em algo único, original, mas que seja algo fácil para o nomeado, pais e toda a comunidade.

d) Nome com grafia distinta da Língua Portuguesa – utilização de *w, y, k, ll*:

John Álvaro (n1) (1970): John porque é João em outra língua né então foi colocado Jonh, estava começando uma fase de colocar nomes estrangeiros, né.

Jhenifer Tuisy (n2) (1990): A Twiggy, a primeira modelo magra dos Estados Unidos, aí eu não podia escrever Twiggy, eu tive que adequar aí escrevi Tuisy, eu coloquei y igual.

Caroline Michely (n2) (1990): Michely é, como tinha colocado dois nomes para os outros, coloquei para ela também, com y para ser diferente.

Diferente do item anterior, os pais mostraram uma preocupação estética na escolha do antropônimo em acrescentar letras diferentes do alfabeto usual brasileiro. Inicialmente, observa-se a influência de culturas distintas até então não mencionadas, na entrevista do nome *John Álvaro*, a mãe menciona a escolha do nome *João*, mas a preferência em escolher em língua inglesa. Duas observações podem ser realizadas: o nome ter sido atribuído porque era moda naquele momento atribuir nomes estrangeiros, segundo o informante: “estava começando uma fase de colocar nomes estrangeiros”, como também a preferência do nome na língua inglesa.

Na atribuição do n2 *Tuisy*, a mãe explica a referência midiática da modelo *Twiggy*, denotando uma tendência da moda, conforme López Franco (2014) aponta como característica de moda. A mãe complementa que na época não podia colocar nomes estrangeiros ao filho, mas sua preocupação foi utilizar ao menos a letra y no nome da filha, fazendo referência à cultura americana da modelo. Na entrevista do nome *Michely* (n2), o uso do y também reforça a ideia de tornar o nome diferente. É claro que aqui se observa que os designadores também

pretenderam utilizar tal recurso gráfico para tornar o antropônimo original, diferente daquilo que é habitual.

e) Combinação da letra inicial do pai e/ou da mãe com o nomeado:

Márcia Aparecida (n1) (1960): O primeiro nome sempre começa com ‘m’ por causa do nome do pai, que é Mário.

Itacir José (n1) (1960): Os meninos começam tudo com I, igual o meu.

Viviane Delcy (n1) (n2) (1970): Meu pai se chama Voltaire e ele queria que os filhos comessem com V, por isso Viviane, e minha mãe se chama Dirce, aí eles combinaram que o segundo nome seria com a mesma letra do nome da minha mãe.

Marlei Fátima (n1) (1970): Marlei, M por causa do pai.

Elcio Adelir (n1) (n2) (1970): Porque eu achava bonito, combinava com o nome do pai dele, que é Élio Antônio, Elcio por causa do nome do pai, Adelir por causa do A de Antônio do pai dele.

Mayara Leilane (n2) (1990): É que eu juntei os nomes da minha mãe e da minha irmã, Lecarde e Leane.

Joelson Michael (n1) (1990): Joelson, porque eu quis, por ser parecido com o nome do pai, Joaquim.

Outra forma de atribuição estética está ligada à escolha de nomes cuja letra inicial está associada aos nomes dos pais. As entrevistas dos nomes *Márcia Aparecida* (n1), *Itacir José* (n1), *Marlei Fátima* (n1) denotam a escolha a partir da primeira letra, esta igual a da figura paterna. Já a entrevista de *Viviane Delcy* (n1) (n2), é evidenciada a escolha do primeiro prenome com a letra inicial do pai e o segundo prenome com a inicial da mãe. Diferente ocorre na entrevista do nome *Elcio Adelir* (n1) (n2), cuja escolha dos dois nomes foi a partir da inicial do primeiro prenome do pai e do segundo prenome da figura paterna. Na entrevista do nome *Joelson Michael* (n1), não é mencionado de forma evidente o uso apenas da letra inicial do pai, mas o fato de ser parecido *Joelson* com *Joaquim*.

A escolha que mais se distingue das demais é a entrevista sobre o nome *Mayara Leilane* (n2), atribuído a partir da junção do nome da mãe com o nome da irmã mais velha. Interessante mencionar que, nas entrevistas, analisar que no objeto de estudo, grande parte da motivação atribuída a partir do uso da inicial dos pais, é, na verdade, uma referência à figura paterna.

f) Combinação da primeira letra do nome do primeiro filho:

Verno Luiz (n1) (n2) (1950): A finada era Vera Lúcia, a segunda é Vanir Luiza, Verno Luiz e mais nova é Vandi Luz, todos com V e L, primeiro nasceu a Vera Lúcia e depois pra continuar o V e L foram colocando.

Silvana Regina (n1) (1960): E a Silvana também porque era com S né, o primeiro filho, aí o nome do segundo também foi com S.

Kevellyn Eduarda (n2) (2000): Eduarda para combinar com o do meu piá, ele é Eduardo e ela Eduarda.

Diferente da grafia do nome a partir da inicial dos pais, faz-se referência às iniciais do filho mais velho. Nas entrevistas dos nomes *Verno Luiz* (n1) (n2) e *Silvana Regina* (n1), os pais atribuíram determinados nomes a partir das iniciais do/dos filhos já nascidos, combinando os prenomes entre irmãos. A escolha do nome *Kevellyn Eduarda* (n2) denota a combinação de um nome com outro, aqui, apenas houve a mudança do gênero do antropônimo *Eduardo* para *Eduarda*.

g) Grafia no nome em uma língua estrangeira – escolha a partir da origem étnica familiar:

Paul Robert (n1) (n2) (1950): Seria Paulo Roberto, mas como meus pais são alemão ficou Paul Robert.

Diuvani Luiz (n1) (1970): Ele (o marido) escolheu esse nome porque quando eu estava grávida dele, ele queria dar o nome de Diuvane, aí eu falei ‘então coloca Giovanni’ e ele colocou Diuvani mesmo, porque é Giovane em italiano né.

Renan Paolo (n2) (1980): Paolo por ser Paulo em italiano, aí a gente optou em colocar italiano porque meu marido é de origem italiana.

A motivação estética na escolha de nomes estrangeiros refere-se à origem étnica das famílias dos designados. Na entrevista do nome *Paul Robert* (n1) (n2), há referência do antropônimo na escrita da Língua Portuguesa: *Paulo Roberto*, mas a escolha se deu pela grafia *Paul Robert* por ser de origem alemã a família. Importante salientar que, os prenomes *Paul* e *Robert* são oriundos da língua inglesa, no entanto, por tratar de entrevistas e sobre o que o informante compreende do porquê de seu nome, o que importa não é o equívoco, mas sim a sua crença de que o nome é alemão.

O mesmo ocorre com o segundo prenome de *Renan Paolo* (n2), escolhido por ser de origem italiana. Já a entrevista do nome *Diuvani Luiz* (n1) mostra uma preferência estética em atribuir um nome de origem italiana (*Geovanne*) ao filho, porém com a preocupação do uso da grafia em Língua Portuguesa.

h) Combinação do primeiro prenome com o segundo prenome³:

Norma Madalena (n1) (1940): Norma iria combinar com Madalena”.

Roberto Luís (n2) (1960): “aí combinou Roberto Luís.

Gustavo Henrique (n2) (2000): Henrique porque dá uma junção legal, né.

³ Na motivação “combinação”, ressalta-se que é uma combinação a partir daquilo que os pais consideram ser harmonioso.

A estética aqui é observada pelo uso mútuo dos entrevistados em atribuir o primeiro prenome ou segundo prenome a partir de uma combinação entre eles. A entrevista sobre o nome *Gustavo Henrique* (n2) mostra que a escolha do n2 ocorreu após a de n1, e foi escolhido “porque dá uma junção legal”. Ao contrário da entrevista de *Norma Madalena* (n1), que denota a escolha de n1 após n2 e aquele escolhido porque combinou com o segundo prenome, se bem os entrevistados não tenham esclarecido de que forma essa combinação se materializa no prenome.

i) Um nome *bom*, agradável de ser ouvido:

Breno Suan (n2) (2000): O Suan eu escutava uma vizinha que chamava uma criança, era o segundo nome de uma criança ai eu achei esse segundo nome interessante.
 Marino Luís (n1) (1960): A gente gostou né, a gente tinha um vizinho distante lá, que ficou padre e a gente conhecia bem, aí deu o nome de Marino, e Marino Luís porque é bom né.

A estética também se caracteriza pela subjetividade da apreciação individual do designador. Por se tratar de entrevistas semiestruturadas, o entrevistado fica à vontade para esclarecer o porquê da escolha do nome. Nesse tópico, é possível observar a utilização de adjetivos como *interessante* e *bom* para justificar a escolha de determinado antropônimo. Essa categorização se dá a partir da análise do conjunto de informações. A entrevista do nome *Breno Suan* (n2), a escolha de n2 ocorreu ao momento de ouvir o nome, e *Marino Luís*: “porque é bom né”, denotando que os dois nomes juntos tornam-se agradáveis, adequado.

As acepções para a categorização estética, portanto, indicam a preocupação do designador na construção gráfica, sonora dos nomes. Fica claro que, ainda que se trate de uma categorização a partir de uma questão estilística, a escolha de nomes por motivação estética evidencia um gosto particular dos pais daquilo que eles consideram *bonito*, *agradável*, que *combina* ou que seja *bom*.

As evidências de Close (2012) convergem com os dados aqui analisados, ainda que a constituição do objeto de estudo seja distinta, entrevistas com pais de crianças matriculadas em diferentes creches mostram que há um apelo estético na atribuição de um nome semelhante ao analisado no banco de dados de Marechal Cândido Rondon. A autora mostra que pais, ao atribuírem um nome por motivação estética, muitas vezes, pretendem individualizá-los, mesmo que haja um padrão na nomeação estética. Atribuir um nome com motivação estética é evidenciar no nome uma preferência singular que outro indivíduo não teria.

Nas entrevistas semiestruturadas analisadas, torna-se fato que os nomes transparecem não apenas essa singularidade, atribuir nomes que remetem à etnia familiar, ou a escolha do prenome a partir das iniciais dos pais, denotam um sentimento de pertença a um determinado grupo familiar. Escolher nomes que tenham uma grafia diferente do padrão da Língua Portuguesa pode diferenciar um indivíduo de outro, porque há utilização gráfica distinta dos demais nomeados.

Neste trabalho, outros pontos, além daqueles que convergem com Close (2012) são relevantes a serem abordados, ainda que de forma secundária, é a retomada dos nomes da figura paterna na escolha do nome dos filhos a partir da inicial dos pais (item *e*). Tanto para os prenomes femininos, quanto masculinos, a inicial do nome retoma, em grande parte, ao pai, podendo fazer uma retomada a um tipo de homenagem à família. Segundo ponto, ainda, no item *e*, o exemplo que um nome é atribuído a partir da inicial do pai e de outro, da mãe, observa-se que n1 – o primeiro nome, aquele em que a pessoa é conhecida – refere-se ao pai, enquanto n2, à mãe (*Viviane Delcy*). Outro exemplo que em que n1 e n2 faz referência apenas ao pai é *Elcio Adelir*, ambos os prenomes são iniciais do pai, não houve referência ao nome da mãe.

Considerações finais

Muitos são as motivações que levam os pais a atribuírem um nome ao filho. Este artigo investigou como se evidencia a motivação estética em um banco de dados constituído por 125 entrevistas semiestruturadas no município de Marechal Cândido Rondon. As entrevistas mostraram que a motivação estética está ligada ao gosto subjetivo dos pais em nomear, no entanto representam um padrão similar com gostos de outros designadores, assim como evidenciado por Seide (2016a) e Selene Segura (2014).

A motivação estética foi categorizada a partir das seguintes acepções: a) *gostar* do nome b) sonoridade e pronúncia do antropônimo c) grafia do nome, sendo esta evidenciada de distintas maneiras: nomes curtos, grafia simplificada, uso de determinadas letras na inicial do nome, junção de prenomes, nomes estrangeiros d) combinação de prenomes e) nome ser considerado *bom/agradável* para os pais. A categorização dessa motivação foi possível a partir da metodologia utilizada para a geração de dados, nessa direção, portanto, entrevistas semiestruturadas contribuem para que se possa compreender o porquê da atribuição de nomes.

A escolha de um nome por padrão estético não somente evidencia um gosto particular dos nomeadores, mas também demonstra determinados anseios em que a escolha indevida de um antropônimo pode acarretar nos designados. Outras pesquisas na área da Sócio-Onomástica

ainda se fazem necessárias para que se possa compreender a motivação estética no contexto social a cultural.

Referências

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. FFLCH: São Paulo, 1992.

CLOSE, Haley Lisa. *Hello, I Love You, Won't You Tell Me Your Name?: An Anthropological Investigation of Naming*. Senior Independent Study Teses (Department of Sociology and Anthropology). Te College of Wooster, 2012.

FRAI, Patrícia Helena. *Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense*. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade), Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

LÓPEZ FRANCO, Yolanda Guillermina. Los nombres de pila en la década de 1980 en Montpellier, Francia, y en Tlalnepantla de Baz, México, bajo un enfoque socioantroponímico. In: ISQUERDO, A.N.; DAL CORNO, G.O.M. (org). *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol.VII, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p.15- 38, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 3. ed. São Paulo: S.A, 1996.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARTORI, Tríssia Ordovás. *As crianças da paróquia Santa Teresa de Caxias do Sul, entre 1875 e 2005: os nomes de batismo e a leitura que eles suscitam sobre a comunidade*. Tese de doutorado (Programa de Doutorado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Moda e tradição na antroponímia. A.N.; Dal Corno, G.O.M, *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 161 – 178, 2018a.

SEIDE Márcia Sipavicius. A identidade religiosa na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. *Revista Relin*. v. 24, n. 1, p. 333- 351, 2016b.

VAN LANGENDONCK, Willy. *Theory and typology of proper names*. Berlin: Walter de Gruyer, 2007.

*Recebido em 20 de outubro de 2022
Aceito em 31 de janeiro de 2023*

